

reflexões sobre

**ARTE**visual

v.2 n.1 janeiro 2021

***O Gesto Desenhado.***

***Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO***



***Expediente:***

**Revista: Reflexões sobre Arte Visual**

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

***Edição:***

v.2 n.1 janeiro 2021

*Periodicidade: quinzenal*

*Capa: Fragmento Gráfico, Isaac, 2020.*

**APRESENTAÇÃO**

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

*Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.*

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

*Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac\_camargo@hotmail.com*

## ***Prólogo***

Rabisco, garatuja, ranhura, risco, grafia, desenho...

Estas palavras, em geral, designam marcas, rastros, vestígios, sinais, signos em superfícies. Na maioria das vezes a busca se dá pelo sentido aparente, ou seja, uma figura ou algo que se pareça com coisas conhecidas. Quando isso acontece é comum chamar à essas marcas de Desenho. Ao contrário, quando não há referências identificáveis, também é comum chamarmos de qualquer coisa, menos de Desenho, tampouco de qualificarlas no campo da Arte.

Contudo, ao longo do tempo, as imagens que surgiram de gestos, deixando marcas nas superfícies, acabaram sendo também reconhecidas como Desenhos, especialmente no contexto Modernista. Por que isso aconteceu?

Seria por reconhecer nelas algumas figuras? Seria porque percebeu-se nos gestos pistas indiciais, sígnicas que, diferentemente dos incidentes naturais, revelavam atitudes, sentidos e proposições? Bem aposto na segunda opção, por isto, elegi este assunto como tema.

Os Desenhos são manifestações recorrentes na História da Arte. Ora figurativos, ora não figurativos, entendidos como abstratos, gestuais e também identificados como Informais, ou seja “sem forma”. Dizer que algo é *sem forma* equivale a dizer que: se não se parece com nada reconhecível, não tem sentido, tampouco é digno de atenção. Ao considerar que grande parte da Arte Visual produzida pela humanidade faz referências à coisas reconhecíveis, um simples rabisco não teria qualquer sentido nesta situação. Contudo isto não é verdade.

A visão tradicional de Arte se embasava justamente na reprodução ou representação da visualidade corrente e apoiada no mundo natural. Até o século XX não se reconhecia que a Arte Visual pudesse ser produzida a partir de *Formas* não identificáveis no entorno. As várias tendências do Modernismo, possibilitaram a experimentação e inserção de novas possibilidades expressivas, materiais e formais abrindo a possibilidade de que “formas informais” pudessem ocupar um lugar na Arte e compor categorias estéticas que antes não existiam.

## ***O Gesto e o Desenho.***

As imagens decorrentes de gestos, embora pareçam arbitrárias, não quer dizer que não fazem referência a algo ou alguma coisa, circunstância ou situação. Mesmo não sendo reconhecidas visualmente, são tão significativas quanto qualquer outra imagem. O simples fato de resultarem da *gestualidade* implica, *a priori*, na vontade de alguém, isto já basta para significar. Mesmo as imagens incidentais resultantes de acasos e acidentes podem ser tomadas ou apropriadas e se tornarem prenes de sentido por meio da apropriação artística.

Quero reforçar que o conceito de Desenho aqui exposto está, *a priori*, vinculado, relacionado à gestualidade humana, mediado ou não por instrumentos e materiais, seja volitivo ou espontâneo. Volitivo quando quem cria impõe ao gesto os trajetos, direções e formatos que o instrumento irá percorrer na superfície fazendo com que sua vontade predomine. Ao contrário, quando é espontâneo supõe-se que quem cria deixa o *acaso* interferir no processo ou dele se apropria. De um modo ou de outro, o resultado é sempre *Desenho*. Mesmo que não se reconheça nele nada que se pareça com o mundo natural.

Pode-se dizer que a Garatuja ou o Rabisco infantil resultem de um tipo de gestualidade descompromissada, produzida pelo prazer do gesto, movida pelo deslumbramento de ver linhas surgindo de ações de seu próprio fazer, do qual não se espera nenhuma relação figural que não seja a imagem resultante do processo. A criança, ao ser perguntada, sobre o que é aquela imagem, normalmente dá uma resposta lacônica a partir do que imagina ou visualiza, nem sempre a intenção que a mobilizou para realização do rabisco predomina. Viktor Lowenfeld já descobrira isto.

Essa *gestualidade descompromissada* é uma atitude que não visa, de antemão, um projeto, mas o *resultado* de um processo. A ideia de *processo* passa a ocupar a Arte Visual no século XX, especialmente no período nomeado de Pós-Modernidade quando as *proposições* artísticas se sobrepõem às *representações* artísticas. A partir de então, o Gestual ocupa um terreno importante no contexto da Arte. Muitos artistas passam a recorrer aos gestos como estratégias discursivas nos processos constitutivos de suas Obras de Arte.

Desde os primeiros momentos da história humana surgiram marcas em superfícies que revelavam gestos/desenhos informais.

Não se sabe o que significavam. Embora tivessem sentido para os seres humanos daquele período, não são necessariamente os mesmos que podemos atribuir hipoteticamente a eles hoje em dia.

Supõe-se que o caráter simbólico imperava e que tais imagens possuíam sentido mágico, místicos e ritualísticos.

Na caverna *La Pasiega*, no norte da Espanha, há grafias desse tipo:



Na Espanha, na caverna de *El Castillo*, há algumas imagens “abstratas”:

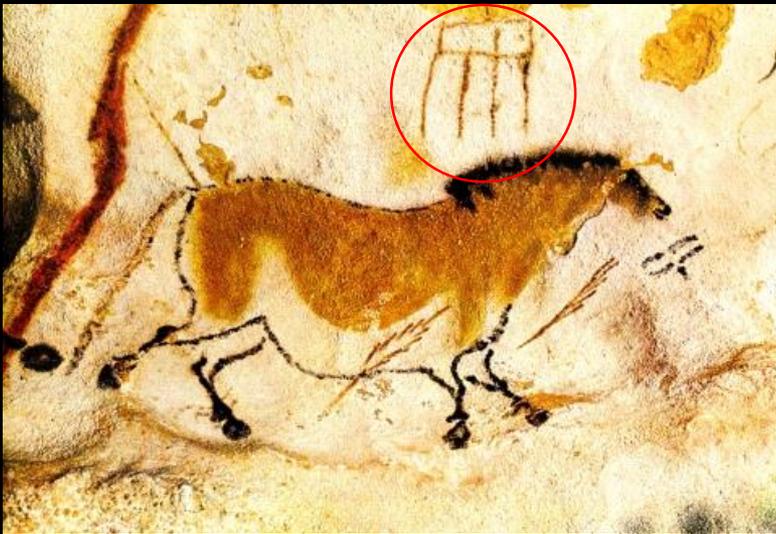


Ainda, na Espanha, em *Las Chimeneas*, há marcas grafitadas e também traçadas à mão sobre argila que tornou-se rocha, mas que registram gestos conduzidos:



Na caverna de *Lascaux*, na França, observe acima da figura equina uma imagem não figural cujo sentido não é imediatamente entendido, em comparação ao cavalo que é explicitamente revelado:

Não só na Europa, mas no globo todo são encontradas imagens “informais”. No Brasil pode-se citar Urubici, em Santa Catarina, no *Morro do Avencal* que mostra isso:





Outro bom exemplo, no Brasil, é a *Pedra do Ingá*, na Paraíba, onde se supõe que os desenhos/incisões de imagens grafadas cumpam funções simbólicas.

As civilizações primevas usavam esse recurso para criar imagens sem um sentido aparente, daí a dedução de que tinham caráter simbólico e não figural.

Tais imagens poderiam funcionar como signos e conter informações não acessíveis a compreensão atual, mas pelo sim pelo não, recorro à possibilidade de que poderiam também serem produzidas simplesmente pela própria configuração formal, ou seja, independente do que poderiam significar enquanto sinal, são configurações visuais e, portanto, prenhes de sentido.

O conceito que uso como definição de imagem é: *“Imagem é uma configuração visual geradora de sentido”*. Com isso consigo reduzir o sentido à própria configuração imagética, antes de pensar que ela pode ter funções representativas, figurais ou não. A busca pela essência elementar e estrutural considera seus formantes eidéticos (a ideia em si) como significantes, pois antes de se tornarem coisas do mundo, são coisas da criação. Significam sua própria formatação seja material ou conceitual, assim participam da cultura, da Arte.

Nessa linha de raciocínio, vamos observar a geração gestual a “gestualidade” como processo de criação de imagens.

Como antecipei, as imagens gestualizadas vão ocorrer com mais frequência e propriedade no contexto da Arte Visual a partir da Modernidade, no século XX.

Na primeira década do século XX surgiram as manifestações ditas Abstratas, ou seja, aquelas que não faziam qualquer referência à visualidade do meio, às coisas reconhecíveis do entorno.

Os trabalhos de Kandinsky e da Vanguarda Russa, por exemplo, prescindiam das coisas do mundo para significar. As imagens geravam sentido por si só. As referências eram elas próprias, ou seja, um traço é um traço. A significação não é buscada externamente mas sim internamente. Uma obra possui nela mesma os sentidos e significantes de acordo com o processo constitutivo ou gerativo. O autor desenvolve seu trabalho a partir e por meio da “ação” e seus atos são integrados e integrantes da Obra. As formas decorrem tanto do gesto quanto da materialidade própria dos recursos usados para dar existência à Obra e não de fora.



Kandinsky, sua Primeira aquarela abstrata (1910)



Raionismo, Mikhail Larionov, 1920-40

Nestas obras o gesto passa a compor o espaço juntamente com a ordenação e a cor.

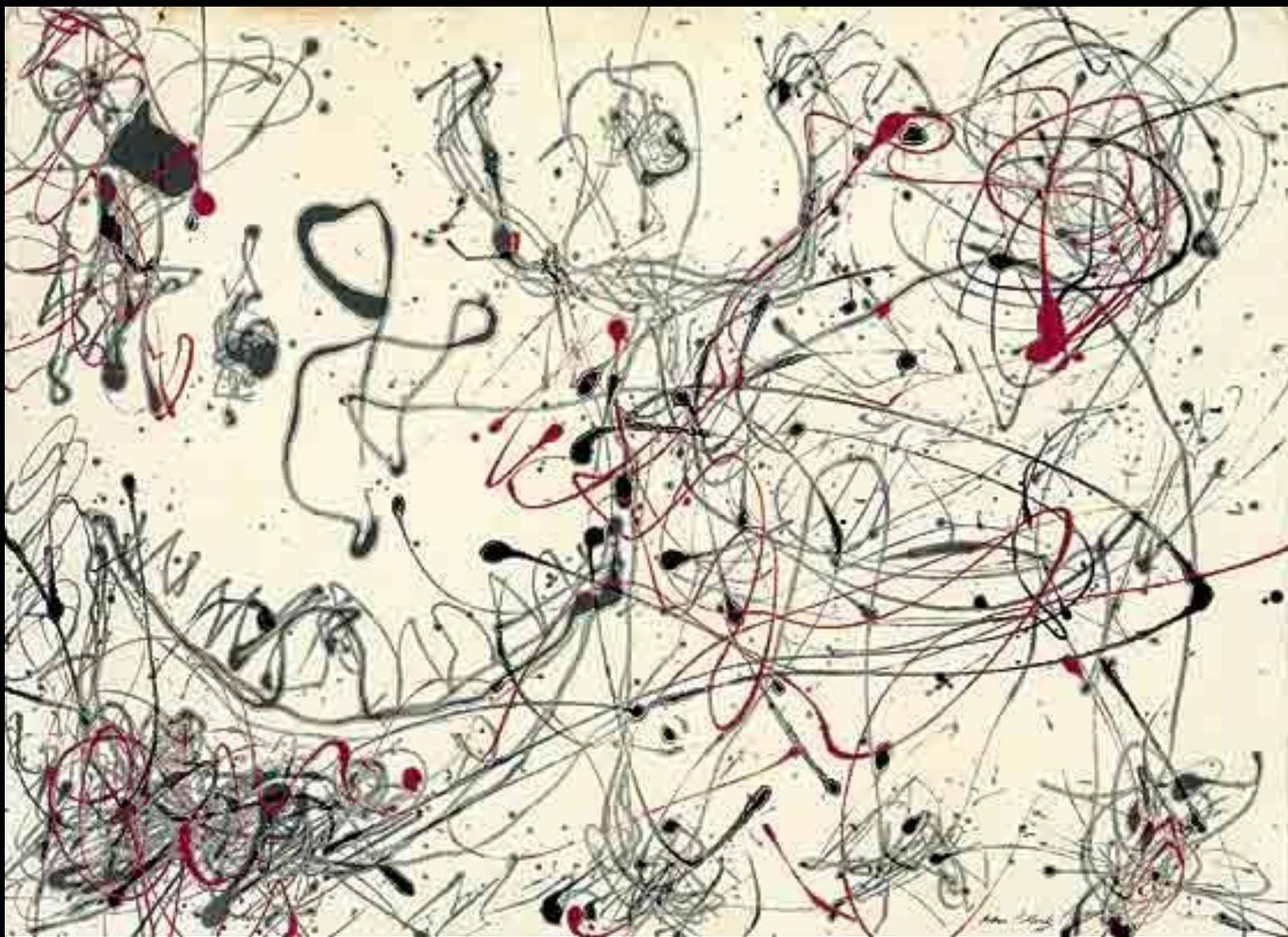
O sentido é obtido pelos efeitos plásticos e não necessariamente pela relação com o mundo natural, assim, ao invés de representar algo elas *apresentam* algo, colocam algo no mundo ao contrário de reproduzir ou imitar algo que já está no mundo.

Pode-se dizer que o Desenho se constrói a partir de “qualidades sensíveis”, portanto apresentam muitas variáveis: Direção, dimensão, textura, orientação, cor, entre outras e como não poderia deixar de ser a própria Gestualidade.

As manifestações “sem forma”, batizadas de Informalismo, vão ocorrer com mais vigor depois da 2ª. Guerra no mundo todo. Antoni Tàpies, pintor espanhol usa esse termo para se referir ao seu processo criativo.



*In Two Blacks, 1968.*



*Número 4 de Pollock , 1948: Cinza e vermelho, Museu Guggenheim*

Na América do Norte, os trabalhos de Jackson Pollock, são chamados pelo crítico Harold Rosenberg de “Action Painting” (pintura de ação) ou seja pintura gestual.



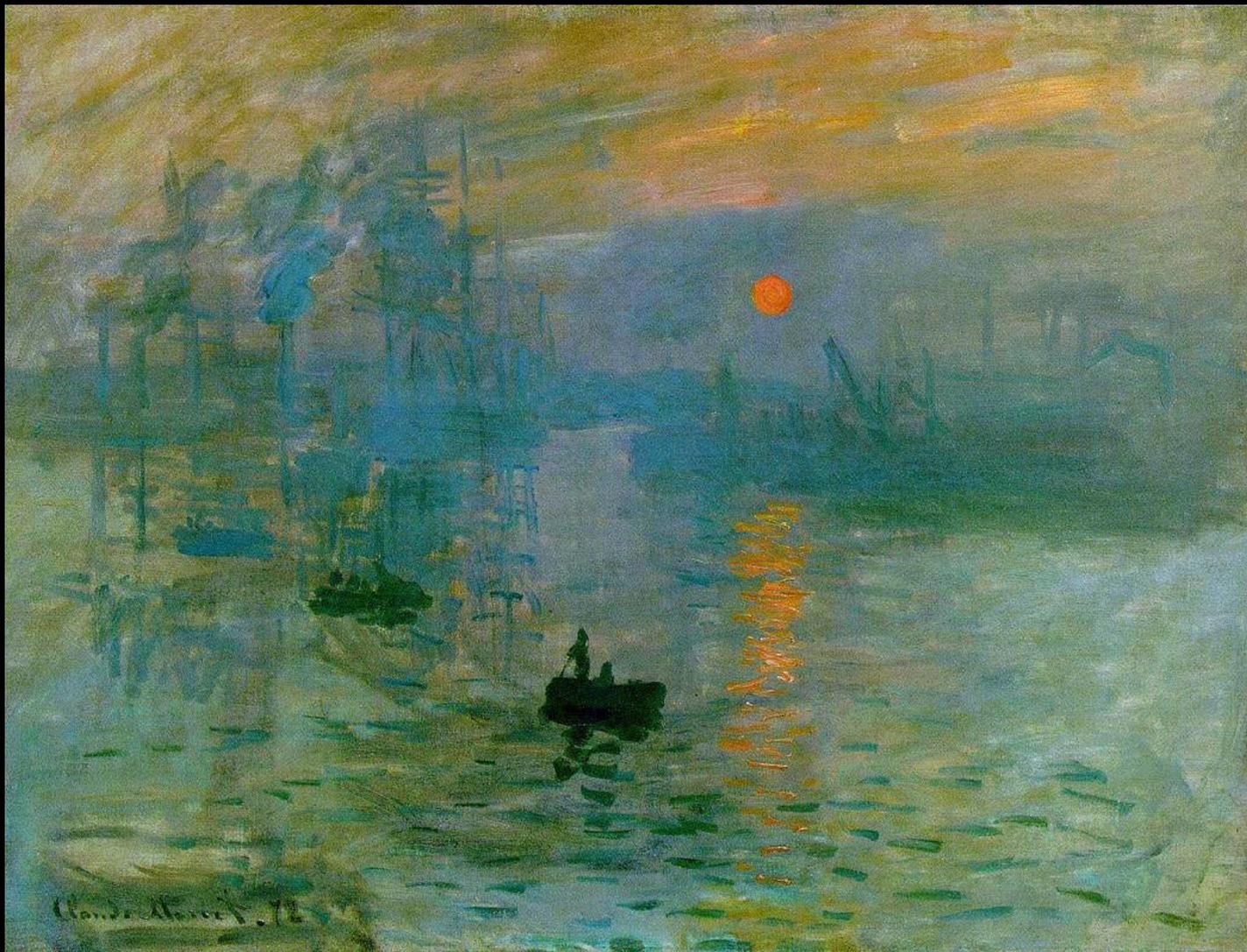
Abstração Lírica, Expressionismo Abstrato, Grafismo, Tachismo, Raionismo, Orfismo e tantos outros nomes vão surgir também para categorizar e identificar essa estratégia discursiva que, em síntese, lida com a Gestualidade. A Gestualidade já havia sido marcada anteriormente nas Obras de vários autores, contudo só no período Moderno é que se torna uma conduta consciente e propositiva. Como lembrança, pode-se recorrer a obras de alguns artistas que, antes do Informalismo já incorporavam a gestualidade aos seus trabalhos.

Um deles é o Belga Franz Halls (1582-1686). Que libertava as pinceladas marcando-as pelo gesto e as direções que dava a elas sem se preocupar em disfarçá-las.





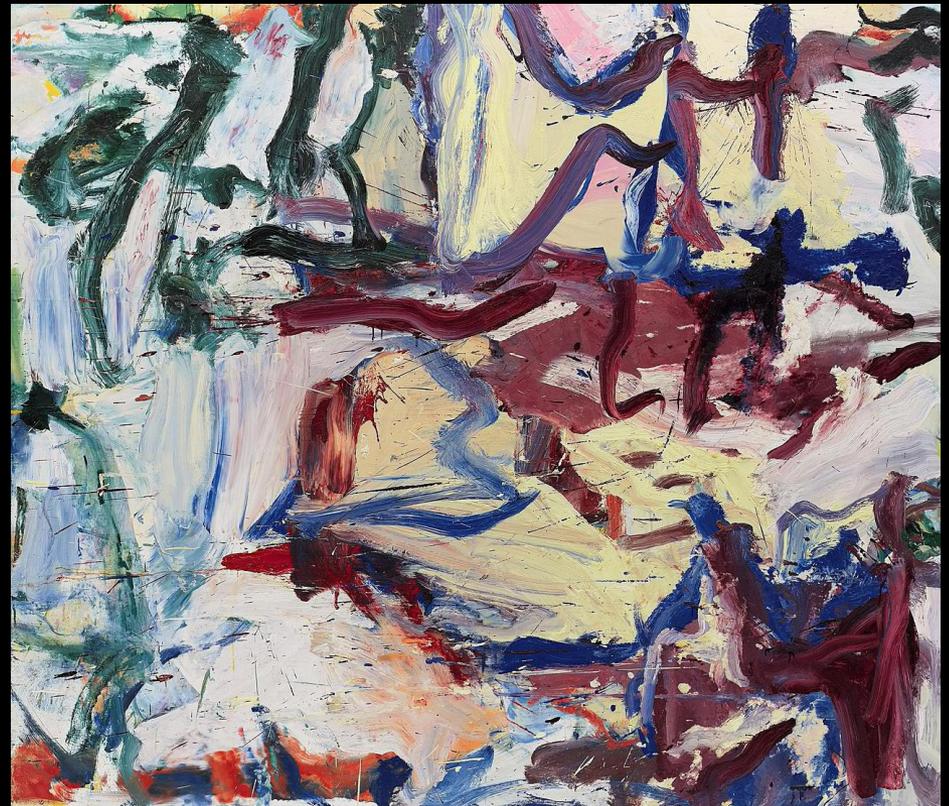
No século XIX pode-se recorrer à obra Noite Estrelada, de 1889 do Holandês Vincent Van Gogh (1853-1890), na qual as pinceladas revelam os gestos aplicados na sua elaboração.

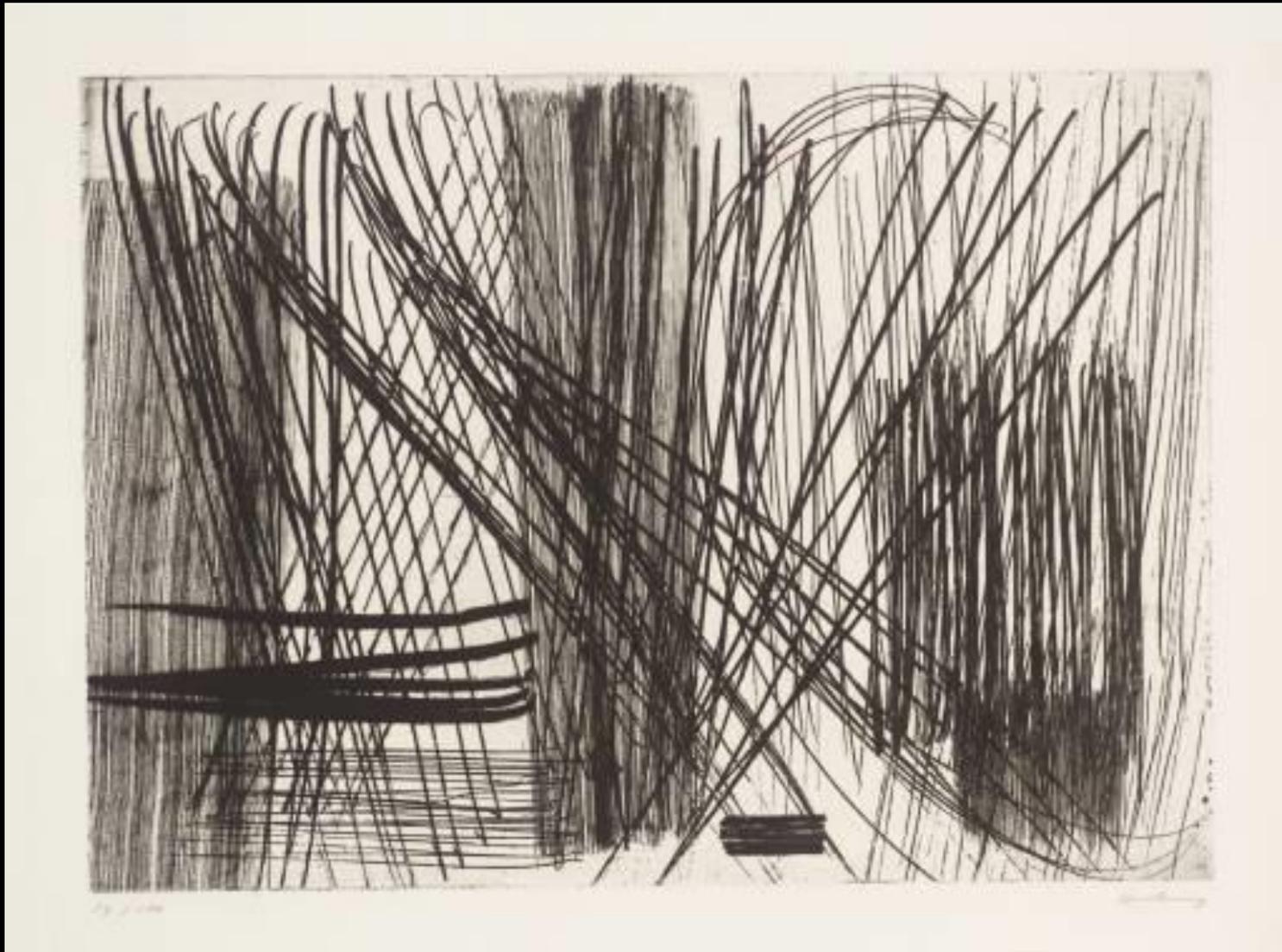


Os Impressionistas, fazem isso também, deixam as marcas das pinceladas na superfície pictórica como uma maneira de reconstruir a profusão cromática que faz parte do mundo natural. Com isto queriam recriar o efeito luminoso do meio na retina do observador. Monet, Impressões do sol nascente, 1872.

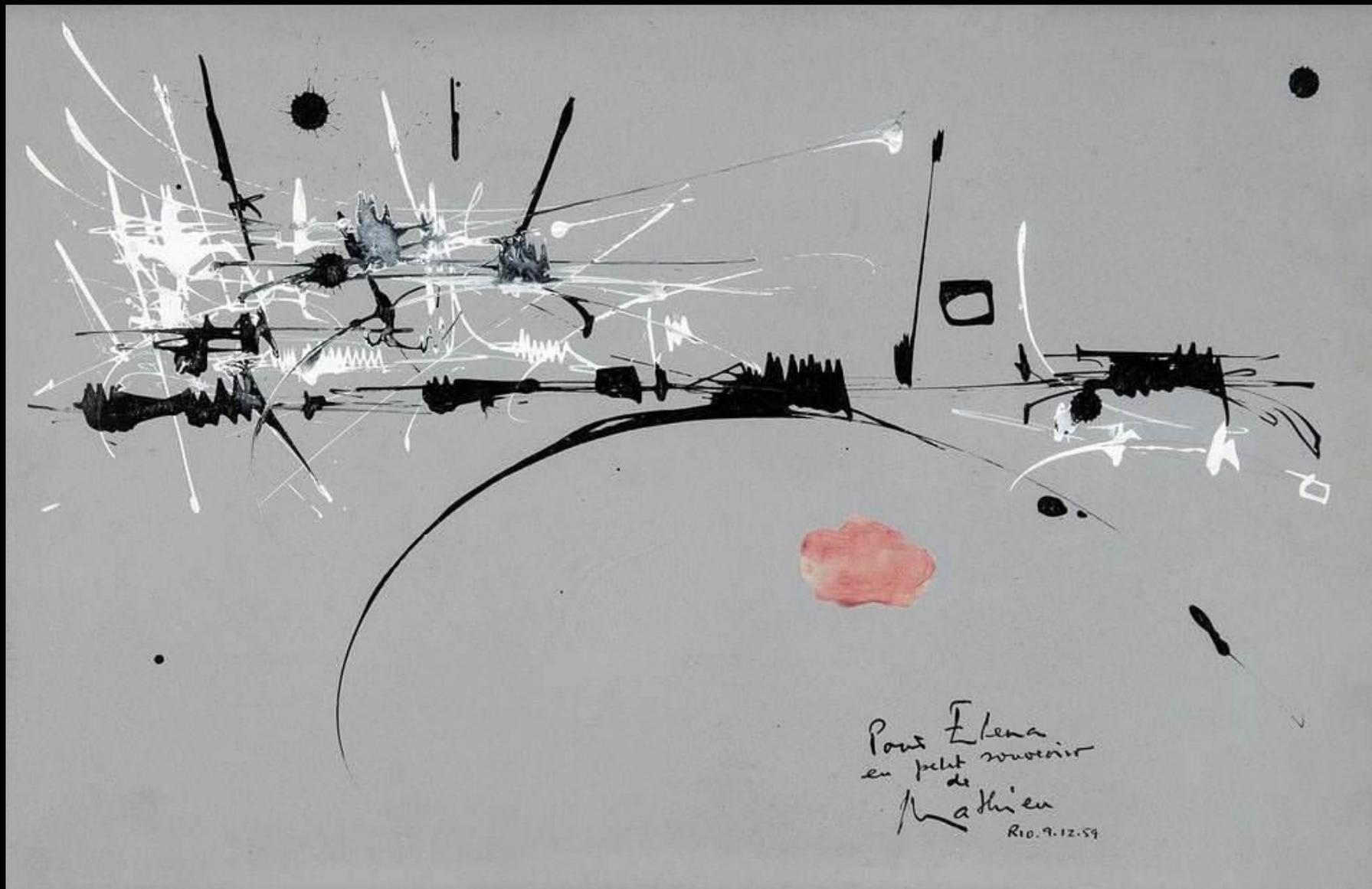
Voltando para o século XX,  
pode-se mostrar mais  
algumas obras que  
contemplam a questão do  
“Gesto Desenhado”.

Willem de Kooning (1904-  
1997), americano, também  
opera no campo da  
gestualidade gráfico-  
pictórica:





Hans Hartung (1904-1989), também é adepto desse “Informalismo” gestual gráfico pictórico.



Georges Mathieu (1921-2012), na França é um representante desse processo.



Pierre Soulages (1921), também francês defende a gestualidade nas suas obras.



Iberê Camargo (1914-1994), brasileiro, adotou a gestualidade em grande parte de seus trabalhos.



Flávio Shiró Tanaka (1928), também brasileiro, é um dos adeptos do Informalismo.



Antonio Bandeira (1922-1967), ainda no Brasil, também representante desse contexto.



Manabu Mabe (1924-1997), também brasileiro se dedicou a gestualidade gráfico-pictórica em suas obras.

Em síntese: o gesto é uma ação, seja intencional ou espontânea e quando realizada sobre algo com um instrumento, material ou ferramenta deixa rastros, marcas, vestígios capazes de induzirem à interpretação. Quando isso acontece, costuma-se chama-lo de *Desenho*.

Nesse caso, o recorte aqui proposto recorreu ao *Ato Desenhante* como uma maneira de abordar a motricidade fina ou corporal no contexto da Arte Visual. Grande parte da produção artística de base tradicional, seja mais antiga ou Moderna, recorre aos processos motores, às mãos e ao corpo para a consecução de suas Obras.

Falar no Desenho a partir do Gesto é um dos modos de clarear a relação construtiva e constitutiva do próprio desenho enquanto conceito e não apenas um recurso gráfico de criar imagens, mas como processo criativo em si. É o caso de Heather Hansen que usa seu corpo todo em performances gráficas.



Tony Orrico, que também desenvolve longas performances a partir da gestualidade corporal, abaixo:



Ou Caroline Denervaud, que organiza seus gestos gráficos a partir dos limites de seu corpo em suas performances, à direita:



Por isto posso continuar dizendo que:

*Em Arte nada se perde, tudo se cria e tudo se transforma.*